

GUALDINO GOMES — CARLOS SERTORIO

BALAS... DE PAPEL

... palavras contra a pessima ordem das coisas sublunares

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

PUBLICAÇÃO BIMENSAL

N.º 3 — 20 de Janeiro

DEPOSITO
ADMINISTRAÇÃO DA EMPREZA EDITORA

109 = Rua da Barroca = 109

LISBOA

1566

O 4.º numero das *Balas... de papel*, será posto á venda em 31 de janeiro nas livrarias, estancos e kiosques.

PREÇO DE CADA EXEMPLAR — 50 RÉIS

Todas as requisições devem ser dirigidas á administração da empreza — Rua da Barroca, 109, Lisboa.

Editor responsavel — J. Garcia de Lima, rua da Bella Vista, 98

Typ. Rua da Barroca, 109

10-66

GUALDINO GOMES — CARLOS SERTORIO

BALAS... DE PAPEL

N.º 3 — 20 DE JANEIRO

1891 — 1892

Em vez de quinze dias mediaram trinta entre o 2.º e este 3.º numero das *Balas*; — por causa da crise. Foi-se o anno mau, veiu o anno bom; houve o *Te-Deum* do Lope Vaz e a 15.ª do *Intimo*; expôs-se nas livrarias a verde-rubra capa do snr. Homem Christo; bateram-se as bellas dos dois coliseus, não ao trapezio no circo, mas pela imprensa em re- clamos; o Santa Rita deu á luz um novo bezerro na Associação Commercial, — contra as pautas; nada veiu em dinheiro do Brazil, mas de Hamburgo muito ás resmas; a Liga Liberal, «tão feia com fechos de metal», caiu; cedulas falsas pagaram o bolo-rei das Boas-Festas; o Magalhães Lima declarou que continúa a ser republicano, como o seu jornal, e por sobre tudo isto a *influenza* a dar cabo de alguns, que os competidores, em vistas de preencher a vaga deixada, transformam, de grandes maraus, que foram, em cidadãos prestantes, que já não são.

Boas saídas e melhores entradas. Assim foi a do conselheiro Gonçalves, assim é a do conselheiro Arroyo — na fiscalização dos tabacos. Questões de vida e morte estas: largar seiscientos mil réis, ou apanhal-os. O mais — conversas. Será este anno novo melhor que o outro? De certo... para o snr. Carlos Lobo d'Avila, o novo ajudante do procurador geral da Corôa. Será peor? Que duvida... para o snr. Marquez da Foz. Tempo sem mudança de fortuna, anno presente optimo como o passado, só para o *Burro do Sr. Alcaide*, longeva alimaria, a *quem* as folhas albardam de elogios, sem que para o caso, como tem succedido com outros, seja preciso que a Morte dê o signal de romperem as palmas.

Era o planeta Mercurio — como se diz nos juizos do anno das folhinhas — quem devia presidir aos destinos de 1892, mas, destituído dessas funcções por Minerva, que não sabemos se é tambem planeta, entra a terra sob nova influencia, que nos parece benefica e promettedora de boas colheitas. Conduzamos, leitor, todos os nossos possiveis esforços em auxilio desta annunciada retemperação, e só depois disso seja permittido dizer em velho estylo o inevitavel *Deus super omnia*.



Em 1755 tremeram terra e casas para hoje tremerem commercio, instituições, companhias. Tudo em Portugal se desmorona por toda a parte. Lançam-se espeques na Corôa, abraçam-se os muros da Companhia Real com varões de ferro; mas o fogo entranhado por uma devassidão de muitos annos, desde que o parlamento se transmutou de tribunal dos interesses do povo em gremio de piadistas cynicos, desde Rodrigo da Fonseca até... os nossos dias, lavra e mina de forma a não respeitar todos esses remendos de falsa segurança, e a Companhia dissolve-se, a Corôa desconcerta-se... — e cá por debaixo de nossos pés ruge esse fogo, com o ruido surdo que procede os grandes terramotos.

Isto, que parece de Alexandre Herculano, é escripto com muita vibração, — e muita magua! Magua dupla, — magua de ver o país ameaçado de um grande cataclysmo, e magua de ver o despercebimento com que todos escutam, dançando e cantando como dantes, o roncar de uma lava que já espirrou um volcãozinho no Porto, deixando governo e povo a dormir de pança ao ar, como os *lazzaroni* da cidade eternamente ameaçada.

Por isto achamos que não é verdade terem os povos — sempre — os governos que merecem. Este que Portugal tem agora não o merecia lá muito.

E breve verás por que, leitor indifferente, leitor egoista, leitor degenerado!



Iamos na plataforma de um *americano* do Rocio pela Pampulha, no dia 16 de janeiro do corrente anno, quando ouvimos um delicioso dialogo travado na rampa de Santos entre um deputado engenheiro, — e engenheiro —, muito da-

do aos ápartes na camara dos seus congeneres, e um conselheiro de barba rala e negro como um tição, — dialogo que valia muitas libras e uma rica data de marmello.

O conselheiro da barba rala, ingenuamente, dizia :

— Mas por que não fazem um ministerio de gente seria?

— O que chama vossa excellencia gente seria? — perguntava o outro, como um selvagem perguntaria a Pedro Alvarés Cabral o que era um casamento eclesiastico.

— Digo, volvia o conselheiro da barba rala, — por que se não chama para ministro da guerra um general impolluto, para a justiça um juiz honradissimo, para a marinha um vice almirante energetico.

— Isso era a maior de todas as desgraças, meu caro conselheiro! Homens que tomem pastas a seu cargo, não devem ser apenas technicos, e nunca devem ser intransigentes! A trica politica é necessaria; e os ministros precisam de saber e poder harmonizar as leis com os homens e os homens com as leis!

Ora aqui os teem como elles são! Sabem os leitores o que é harmonizar as leis com os homens e os homens com as leis? E' fazer essas poucas vergonhas de todos os dias, é deixar roubar, quando o ladrão consiga operar com esper-teza.

O marquez de Vallada viu bem, mas tarde. Em crise de ladrões estamos nós ha muito, e continuaremos provavelmente a estar, e as palavras do engenheiro deputado, de beijo grosso e olho piteireiro, dão a medida da consciencia dos politicos *como devem ser*, e mostram que os politicos fazem como os salteadores dos montados: quem se alistar, ha de provar que já fez uma morte!



Em Barcellos a sociedade elegante tambem fez os seus cumprimentos de «Boas-Festas» por meio duns *tustos* enviados aos jornaes e com destino ás necessitadas da freguesia... Mas, dada a differença entre a capital e a terra de provincia, os barcelocenses *hautemant placés* livraram-se da estopada das visitas e do envio dos respectivos cartões — por duzentos réis, apenas.

Esta proporção devia dar certamente uma *cheta* para igual

falta de cumprimentos entre as pessoas gradas de Oliveira de Azemeis.

—••—

Muito entusiasmada, a imprensa annuncia que, para honra de um país que os pessimistas chamam inutil no concerto das nações europêas, apparece agora no velho coliseu um portuguez que é, como deslocado, o maior phenomeno universal.

Um portuguez deslocado? E vae a empresa de um circo pagar a exhibição dessa vulgaridade? E' conhecer pouco, francamente, — e sem desculpa! — tanto mais que a direcção do Real Coliseu mette gente cá da terra, os modos nacionaes de forçar a ossatura toda em prodigios do acrobatismo. Basta lêr os jornaes...

—••—

Vae aposentar-se, em França, o antigo carrasco Mr. Deibler. Lá se naturaliza francês o Emydio Navarro!

—••—

Pediram-nos para dar «uma carga» no *Burro do Sr. Alcaide*.

Tem já andado de mais; não o tocamos.

—••—

Ha quem proponha que a Bella Zephora se deva chamar Bella Camphora.

Entendem?

—••—

Serapião, Gervasio Lobato e D. João da Camara são, no dizer duma folha:—«uma trilogia artistica».

E nós é que temos má-língua...

—••—

OS PERUS

Mandaram-nos um peru, — mandou-o um amigo, que está esperando que nós lhe mandemos outro, de presente, — e nós baptisamol-o. Dissemos, em latim puro, todas as palavras do sacramento, deitamos-lhe um pucaro d'agua na cabeça, puzemos-lhe sal na bôca, emfim chamamol-o *Favorito*. E' um peru christão, tanto como nós pelo menos, e como o leitor; porque são talvez as mesmas — as crenças do leitor, as nossas e as do péru.

Ser christão é ser baptisado. O Natal, o Anno Bom, os Reis são festas de christãos. Logo não admittimos que a nossa cozinheira estrangule o pobre *Favorito*.

Porque isto de: Viva Jesus Christo! morram os perus! — é um mau costume, que deve acabar. El-rei D. Manuel castigou severamente a nobre cidade de Lisboa pela injustiça e crueldade da matança dos judeus. Por que motivo se não emendou a cidade? Por que motivo não tem o Senhor D. Carlos I a mesma energia que o seu antepassado jerarchico, o monarcha afortunado?

Demais a mais o peru, — já não falamos do *Favorito*, — o peru, em geral, não existe. O peru é um mytho. Nós não somos capazes de provar esta asneira aos alfacinhas, porque os alfacinhas são uma gente muito teimosa; mas o peru é uma lenda!

Nas mesas dos chefes de repartição, que juntam em casa, pelas Boas-Festas, primos, sobrinhas, compadres e afilhadas, nessas mesas, uma vez no anno limpas de toalha e enfeitadas de leite-creme, fala-se em perus que não se comem, comem-se perus que se não vêem.

Por mais que o dono da casa, muito gordo e já rubro, de guardanapo ao pescoco, guardanapo comprado para aquelle dia pela consorte, se esforce por trincar o hypothetico peru, que muitas vezes o cozinheiro affirma, já bebado, aos convidados que entram pela cozinha, que nunca foi senão gallo — os sobrinhos que são muito maleriados, berram que o animal em trituração não se deixa rilhar, e que os ossos, na garganta, os asphixiam, como este periodo que acabamos de escrever!

E! que o dono da casa bem sabe o que fez; mas, coitado, seguiu um habito dos alfacinhas, habito que não ha acabal-o!

Effectivamente, mandaram-lhe um peru de presente; mas elle, que não pagara umas visitas ao medico, remettera-lhe o peru, a conselho da esposa. Ora o medico atirava-se á mulher do conselheiro, e, para lhe alegrar o ôlho, mandara-lhe o peru, que veu parar ao seu ponto de partida, não sabemos como, ou como não. Assim, o peru, que não custara menos de quinze tostões, estava ali, um pouco mais magro, por fomes e vigílias, e viagens por um pé e cabeça abaixo, pes-

coço curvo, e olhares enlanguescidos aos companheiros que iam passando em situação identica.

O primeiro dono do peru vendeu-o a uma gallinheira, para se desferrar das despesas de o comprar, e a gallinheira guardou-o para o seguinte anno.

Ninguem comeu o peru; mas os quatro presenteados fallaram muito delle, affirmaram uns aos outros que era muito gôrdo, muito tenro. E comeram gallo!

Já vêem que o peru é um mytho! O peru, não existe!

Mas nós vêmol-os aos bandos, seguidos por um maltrapiho de canna e lenço; vêmol-os gluglurando, como que alegres, e aos saltos uns por cima dos outros, em vôos breves.

Então aquillo não são perus??

Não, senhores. Aquillo são policias eivis, feitos de loiça das Caldas! São bachareis á procura de um emprego! São jornalistas que pedem, ameaçando-nos com um artigo cheio de grammatica, cadeiras no parlamento; aquillo não são perus, porque os perus comem-se, e aquelles brutinhos chiam, e ninguem os quer. Os perus embebedam-se, para se matarem; e aquelles estão bebedos, e ninguem os mata. Os indigenas olham para elles com o mesmo desprezo com que olham um collegio de meninos que vae ao passeio da Estrella ao domingo.

Fazem tanto caso delles os eleitores do pais, como dos republicanos. E neste ponto, ousamos dizel-o, são-lhes menos indifferentes os carneiros, — e as batatas.

Tal como os cambistas que offerecem um brinde a todos os seus freguezes, — annunciavam os jornaes *regeneradores* que os mórdomos da festança em acção de graças pelas melhoras do Lopo Vaz offereciam, a quem fôsse ao *Te-Deum*, um exemplar da biographia do engraçado, escripta por Alberto Pimentel.

Deu-se, porém, o caso que do folheto do illustre escriptor se tiraram mil exemplares; e estavam no *Te-Deum*, segundo os jornaes, trez mil pessoas.

Grande chinfrincira, grande balburdia, gente a reclamar o brinde, os mórdomos a fugirem para a sacristia, a multi-dão a perseguil-os; até que um dos mórdomos, — cremos

que o Sergio, — se lembrou de dizer :

— Dá-se um brinde em dinheiro a quem não obteve o folheto.

— Bem ! pois então venha a *massa* ! . . . — gritou a turba.

E Sergio desata a distribuir cedulas de tostão pelos protestantes.

— São falsas ! — grita um destes. São falsas !

E logo toda a gente :

— E' verdade ! Estão muito bem feitas, porém são falsas ! . . .

Felizmente, acode alguém que lêra entretanto a biographia :

— Pois deixem ser ! São como isto que aqui está — bem acabado, sim, mas tudo falso.



A respeito de um caso de assassinio e suicidio, que se deu no bairro da Alfama ultimamente, escrevia-se no *Dia* :

« Teve hoje o desenlace mais logico e mais humano a tragedia de que démos noticia : o typographo M. Gomes exhalou hoje o ultimo suspiro. »

Conhecem os leitores o caso ? O tal Gomes deu um tiro na noiva, que morreu logo ; e outro em si, de que escapou durante um ou dois dias. Pois quando o *Dia* soube que elle tinha morrido, escreveu aquillo.

Por que chamará elle *logico* ao desenlace que se deu ? Não achava logica a salvação do rapaz ?

Nós, os meredionaes, quando estamos em presença de um caso como aquelle, desejamos que o rapaz morra ; uns, sympathizando com elle, para que não seja entregue á policia um desgraçado ; outros, lastimosos pela pequena, para que elle seja punido . . . com a morte ! Este sangue peninsular exige um drama theatral em cada drama da vida. Depois, quando o meredional é da força de instrução do noticiarista do *Dia*, escreve babuseiras como a que se viu. O noticiarista ficou muito satisfeito com a morte do typographo : logo, achou que esse desenlace foi logico.

Chamam logico a tudo o que lhes convém, ou lhes agrada : á queda de um ministerio, ao suicidio de um banqueiro, ao final de um drama.

Na mesma noticia a que nos referimos vem outra sandice impagavel. Referindo o noticiarista que no momento

da morte do Gomes entrava no hospital o cadaver da noiva, exclama :

— «Capricho notavel do acaso!» —

Que demonio comprehende elle por — acaso? Um acaso que tem caprichos é tão notavel como um noticiarista com dois pés só.

Se larga outra asneira daquelle jaez, fazia uma soberbissima carambola!

—••—

O *Diario do Commercio* do rio de Janeiro tem uma secção assim coroada — *Chronica da ladroeira*.

Mas que tu não vás julgar, ingenuo leitor, que é ali que elles lá dão as noticias das chegadas e partidas dos banqueiros.

—••—

Na promoção a tenente-coronel foi preterido o major Serpa Pinto, por não ter feito ainda o respectivo tirocinio. O que? Pois os exploradores carecem disso! Não ha justiça nesta terra.

—••—

Uma poetiza do *Illustrado* entra na egreja em a noite de Natal, tem a visão do menino Deus sobre a palha do estabulo, e canta :

E eu disse ali commigo
quero ir viver contigo
ó candido Jesus!

Pois vá.

—••—

Menina e moça com erratas é a recente obra do sr. D. José Pessanha: e tão catita, e tão euphonica, que ao Sousa Bastos inspirou logo este titulo de uma revista: *Menina e moça co'as trez ratas*.

—••—

A' felizmente restabelecida actriz Virginia vae ser distribuido — dizem as folhas — um papel importante? Parabens á arte, pois! Ultimamente não se distribuiam papeis importantes senão em politica. Assim, por exemplo, se fez ministro o João Arroyo, e o Ramalho Ortigão inspector das escolas industriaes. Por isso o Ortigão retirou na 2.^a edição das *Farpas* todas as ortiguinhas que pudessem picar magna-

tas e ferir susceptibilidades. E, ao mesmo tempo, foi uma limpeza nas hortas litterarias... Bem bom!

—••—
DUAS NOTABILIDADES

Do *Diario Illustrado* :

— «A bella Zephora é a unica acrobata que executa os seus difficeis trabalhos de trapezio.»

Do mesmo jornal :

— «Riaz-Pachá é o unico ministro do Egypto que se não curva ás ordens da Inglaterra.»

Para a primeira, pômos a Geraldine ; para o segundo o sr. Hintze Ribeiro.

Ora toma, Mariquinhas!

—••—
No dia da primeira representação do *Intimo* chegava a Lisboa um numero do *Figaro* com esta *nouvelle à la main* :

«Entre dois escriptores de theatro :

— Porque não vaes nunca ás primeiras representações ?

— Porque as peças, quando são más, aborrecem-me, e, se são boas, irritam-me.»

Cá vão ; irritam-se e denunciam-no nos jornaes, elogiando calorosamente, excessivamente, em artigos cheios de *mas...* e de *porém...* As más não os aborrecem, como ao outro de Paris, — alegam-nos e tanto que voltam a vel-as... a ver como está a casa. Vasia a platéa ; nos camarotes algumas familias borlistas ; a voz dos actores mal humorados reboa pelo casarão, duma frieza congeladora. Sentem-se mesmo ao pé da orchestra arripios de frio. E, com a gola do casaco levantada, sempre se goza uma tal satisfação !

—••—
Um empregado publico na Figueira da Foz, ha um mez, cantou amores a uma Hispanhola casada. O marido, que tinha perdido o marmelleiro necessario para o caso, escreveu ao director da repartição do empregado, dizendo *que lhe tinham adulterado a vida*.

O director, que é engenheiro, — e tão rabugento, que em estudante o alcunharam de *Dona Caetana* — chamou outro engenheiro ás suas ordens, e mandou-o á Figueira estudar o caso, pessoalmente, por meio de inquerito.

Esse engenheiro, que é rapaz novo, crêmos que ainda lá

está inquerindo pessoalmente o caso, porque se não sabe o resultado da questão por emquanto.

Aqui teem os leitores uma repartição onde se trabalha!



Na rua Nova do Carmo ha uma loja em que se vendem lavas; intitula-se *Au Jardin de Paris*. A denominação achamos que é impropria; cabia, mas era uma casa em que se vendessem meias — para plantas... de pés. Que o dono do estabelecimento tem talvez a dar razão da sua taboleta pela qualidade dos seus fregueses — todos do *turf*.



Aqui ha annos, no Martinho, um «nosso collega», G. P., apenas notavel a esse tempo por ter feito quebrar uma casa de hospedes, andou por ali noites seguidas com uma subscrição para uma viuva muito necessitada que nunca ninguem pôde saber se existia. Dizia della um alumno do Curso Superior de Lettras, orientado pela philosophia positiva:

— Essa viuva é o incognoscivel!



Theatro do Gymnasio. *Arreglo* do Gervasio.

— «Quer fazer essa planta de *chalet*? Vá para o meu escriptorio, e faça lá á sua vontade.»

O comediante sublinha intencionalmente este *faça lá*, — um achado! — e a platéa toda se escangalha a rir. Que lhe faça muito bom proveito!



A *Batalha* deu ha dias, assignados por Guerra Junqueiro, — viram? — uns versos de Eduardo Schwabach. Shakspercanos como burro!



Jayme Victor pede terra da patria para um cadaver que está no Alto de S. João e para mais dois que jazem em Paris. Bondoso coração! Nós pedimos, além de fossa portugueza, uma lapide em que aos nomes dos taes se junte o delle. Damos até alguma coisa para as despesas. Vale?



Conselheiro Chagas não quer que o «melifluo snr. Carrelhas» mande para Madrid pelos fios o que os pares do reino dizem quando vão aos arames — porque desacredita o país lá fora. O que o sr. Chagas quer, como os moradores da

rua da Palma, quando lhes morre alguém na familia, é assim uma especie de enterro pobre... que pareça rico. Está bem.

—••—
Um excentrico o Pedro de Alcantara—segundo o *Correio da Manhã*.

Quer dizer que não era do centro, como o João Costa. Perfeitamente.

—••—
O snr. Zacharias d'Aça fez annos um dia destes. Se elle não fizesse mais nada! Mas, qual historia, faz pensamentos, que saiem tambem publicados, como a noticia do anniversario.

—••—
Quando dedicámos a Fialho d'Almeida as *Balas de Papel*, chamando-lhe, com sinceridade e justiça, o primeiro dos escriptores portuguezes actuaes, previmos, ou antes, suspeitámos que um longo clamor, nascido num bérro e terminado em esfuminho pelos seculos adiante, se levantasse entre os que se suppunham patriarchas das letras, e os admiradores, destes. Anteuovimos agras apostrophes, como as que o Dante ouviu no inferno ás almas condemnadas; julgámos que o sr. Jayme Victor nos voltasse as costas, indignado; e uma centenas de estylistas descesse do pinaculo das suas glorias a injuriar-nos... Parecia-nos certo que o senhor Joaquim de Araujo, academico illustre, viria perguntar-nos, com a mão espalmada no cebo do seu casacão; *Ma dimmi della gente che procede Se tu ne vedi alcun degno di nota?* e que ouviriamos Eugenio de Castro exclamar: *Em litteratura, o mais novo, o mais evidente, é o primeiro!!*

Pois não, senhores. Não houve quem reclamasse. Consta-nos apenas que o conselheiro Chagas, disse a um amigo, sorrindo: «Não os contrariemos. A posteridade os desmentirá!»

E tambem nos afiançam que, num corredor de S. Carlos, Joaquim Miranda exclamou: «Elles não se querem referir aos escriptores, em geral. Não falam de dramaturgos.»

—«Nem de philosophos!» articulou o professor Deusdado.

E o Reis Damaso, no outro dia, á porta da Monaco: — «Nem de criticos» disse satisfeito, affrontando o monoculo desdenhoso do Caldas Cordeiro — para quem o primeiro escriptor portuguez é... Barbey d'Aurevilly.

—
Nem Mariannos, nem economistas, nem cousa alguma ! Casar !

Os leitores : — Não percebemos, expliquem-se melhor.

Contra a falta de trocos — casar. Não sabem por quê? Disse-nos o prior de Santos-o-Velho que no mez passado houve mais vinte e um casamentos que no mez correspondente do anno de 1891. Perguntámos-lhe o motivo disto, e o velho prelado respondeu-nos ;

— A crise.

Ora, dado isto, não achaes razoavel que os ministros de Estado, que andam tontos a imaginar planos de debellar a crise, elaborem pauta, lei, ou qualquer cousa que facilite ou dê fogo á epidemia do casamento ? Está visto e provado que o dinheiro não pode augmentar ; pois então diminuem as necessidades, casando os cidadãos. E' o proprio povo que, instinctivamente, procura no casamento um refugio á crise.

Pois muito bem : haja uma repartição publica, bem estabelecida, que provoque os matrimonios, — vindimando os Hellogabalos, e distribuindo *bandós* ás velhas calvas, etc.

— Para a igreja !...

—
A's massas em geral, e ao sr. Eugenio de Castro em particular, offerecemos o seguinte mimo, publicado no *Dão*.

A PROSTITUTA

Com o lúrido aspecto rubido de goso
A cupidinea mulher, filha da desgraça,
Offerece o seu semblante ainda formoso
Aos sordidos osculos de qualquer que passa.

Já não lhe envolve o rosto o amiecto do Pudor
Onde agora se lê em negro character
As palavras malditas : Vende-se aqui o amor
Em troca d'um instante de bestial prazer !

E ella ri e folga no templo de Cypria,
Sonambolisada por bachico licor,
Que intumece o vacuo do crystal scintillante;

E enleada ao viperino collo da Orgia,
Entôa uma canção de sensual theor,
Abalando no ar o thyrso de bachante.

A. A. de Seixas.

Mas não se illudam os chefes do nephelibatismo. Neste novo companheiro a influencia dos *Oaristos* e do *Azul* é nulla. Um simples caso de hereditariedade, e nada mais. Este Seixas deriva genesicamente — iamós jural-o — do outro que criou o pantitheísmo na arte. Falta-lhe na firma o Cunha, mas vê-se logo que é do mesmo cunho.



Contando aos 44.637 leitores do *Seculo* umas entrevistas de *reporters* com varios medicos de Paris, a respeito da loucura de Guy de Maupassant, — Xavier de Carvalho, incluindo-se entre os homens de talento, declara que Charcot os acha a todos doidos.

Nada de confusões, Xavier ; repare que é apenas imbecil.



Antonio Candido a Pinheiro Chagas, depois de ler as noticias do desafio entre as «bellas» dos coliseus :

— Vamos nós bater-nos ao estylo na Academia ? ! . . .



Tem andado a correr os conventos de Portugal, e ultimamente os de Lisboa, um frade francês, enviado pelo papa, com o fim de levar daqui uma reliquia de certo dominico fallecido ha dois seculos, e do qual apenas se sabe que viveu alguns meses em Santarem. Sua santidade deseja canonizar o santo portuguez. Não apparece, porém, uma nádega sequer do fallecido, e o francês vae retirar-se, desconsolado, a Roma. Como a idéa do papa é, porém, canonizar um portuguez qualquer, com um fim politico de agradar ao snr. D. Carlos, lembramos isto : — Pedir ao Lopo Vaz que córte as unhas. Para santo, á falta do dominico, não vemos outro.



Uma pergunta nossa, para que os nossos leitores nos respondam em bilhete postal :

— Como admiram a Cinira Polonio ? Como mulher, como actriz, ou como cantora ? Isto é : — pela penca, pelos trejeitos, ou pelas fífias ?

Publicaremos qualquer resposta de espirito. Snr. Santa-Rita, anime-se a dizer qualquer piada. Anime-se !



De Labiche, numa comedia que ahi se deu ha pouco no Gymnasio :

— «Já foste vêr os armazens do Grandella? Olha que estão muito catitas!»

De Eduardo Coelho, ex-Junior, no *Diario de Noticias*:
«Foi raptada uma caixeira do snr. Grandella...»

— Vejam vocês em que deu a informação do traductor!

—••—
Dizem-nos que a nova peça de Augusto de Lacerda, se chama: — *Judas*...

Com reticencias?... Então será aquelle Judas que estava no deserto... a ler o *Jornal da Noite*?

—••—
A *Tarde*, falando a respeito dos celebres pannos de Arraz, ultimamente achados num ministerio qualquer, e de que não se sabe a era da fabricaçã, diz: — *E' de crêr que isto fique em breve esclarecido.*

E'. Quando elles estiverem no Museu de Londres, a *Havas* nol-o dirá.

—••—
O *Diario Illustrado* annunciava no dia de Natal um livro, que tem este mimoso titulo: — *Influencia do cartesianismo sobre o racionalismo.* E' prefaciado por Theophilo Braga.

Uma verdadeira boroa...

—••—
Do mesmo jornal:

— «O snr. J. H. Jansen, expôs á venda uma nova cerveja *Pilsener Bier*, que decerto enriquecerá a industria nacional.»

Em Londres?...

—••—
— «Apoz a leitura do romance *O Crime do Padre Amaro* é o sub-titulo de uma poesia — *Quizera...*, que o snr. Eduardo Neves, do Dondo, publicou no *Dão*.

Dirigindo-se ao seu bem, assim lhe canta:

Se em noite de luar, serena e calma,
diviso na janella a tua imagem,
.....
par'cendo na postura abandonada
a gentil Magdalena arrependida;
.....

Quizera n'esse instante contra o seio
o teu corpo enlaçar, nas formas raro :
e que fosses p'ra mim a linda *Amélia*
que eu para ti seria o *padre Amaro* !...

Ora aqui está a influencia da escola realista na provincia ! Differe pouco da de Lisboa, é certo. Na capital não se quer que ellas sejam *Amelias*, mas *Luizas* ; porque elles não se contentam em ser *Amaros*...

Pois inda não chegaria ás mãos do snr. Eduardo Neves o *Primo Bazilio* ? ! Estão muito atrazados os poetas no Dondo.

Na biographia da bella *Zephora* do *Illustrado* affirma-se que aquella mulher é de borracha.

Pois nem mesmo assim a queremos. Nada ! que nos lembra a historia do capitão de navio que talqualmente havia uma, como perservativo, e por causa duns amores da mona com o grumete viu-se parvo.

Quando o snr. D. Carlos I foi ao Porto recebeu 2:000 pedidos de dinheiro.

Se isto não é popularidade ?

Em arte sentir é ver mal, vêr é sentir bem ; ou melhor : sentir é não vêr, ver é não sentir.

A respeito da *Bella Zephora*, diz o *Illustrado* que esta acrobata é filha de dois gymnastas allemães, provando isso que *filho ou filha* de peixe *sabem nadar*.

Applicado o proverbio aos escriptores, vê-se que o redactor daquillo não é filho de peixe ; ou se o é, é apenas de algum cação analphabeto.

No Porto exhibe-se uma revista de 1891, devida á penna da actriz *Emilia Eduarda*.

Um chefe de familia : — Ao menos não haverá porcarías.

Um entendido : — Não sei... !

Um cumulo :

— Dois pares do reino foram desanojados pela Camara.

Quando foi do centenario do *Burro* no Avenida cada espectador encontrava, ao sentar-se no seu logar, um raminho de folha — mimo da empresa.

Tocante reconhecimento... mas o diabo é que todas as noites agora os espectadores exigem raminho igual, e a Cínira já disse que a continuar a pouca vergonha do publico, («isto aqui assim não é casa de pasto, comam com a familia antes de vir para o theatro») é preciso levantar-lhe... os preços d'entrada.

Naquella mesma noite immortal um dos «nossos grandes auctores dramaticos» foi levado em charola do palco para os bastidores.

—«Arreiem-me!» gritava elle; e fizeram-lhe a vontade, cremos nós. Era justo.

No Avenida houve naquella noite muita alegria. Bebeu-se... dançou-se... etc. Comtudo D. João da Camara esteve sempre tristonho, macambuzio, a um canto.—Era só para a empresa o producto da recita!

O *Antonio Maria* já faz troça á consagração do *Burro*.

Se o *Intimo* tem tido centenario, apanhava tambem.

Boa pessoa, este *Antonio Maria*, mas um bocadinho voluvel, não é verdade?

—••—
Fim de Seculo: titulo dum livro do sr. Lino d'Assumpção e duma revista do sr. Sousa Bastos.

—••—
O *Dia* esteve para se declarar republicano desta feita; mas resolveu vêr ainda por mais algum tempo em que param as modas.

Fim de Seculo, ó Lino!—ou mau começo d'anno?...

—••—
Declaramos *in fine* que vamos com o snr. Manoel d'Arriaga, chamando anodyno ao programma do governo. Parece-nos agora que sempre o outro diz bem:— os povos teem os governos que merecem. Fiquemos até o 4.º numero das *Balas* em benevola expectativa. Aventa-se de ha muito que o saber esperar é uma bella virtude. Esperemos.